

O RENASCIMENTO DA CIDADE – À descoberta de um paradigma esquecido

Hoje todos concordamos que o modelo da CIDADE TRADICIONAL EUROPEIA se afigura como o mais adequado para habitat da espécie humana. Depois de um século de experimentalismos – com consequências desastrosas para o ambiente e para a espécie –, voltamos a olhar para esse modelo de que, afinal, todos temos uma nostalgia profunda – no bom sentido do termo. Como algo que conhecemos mas nos esquecemos.

E talvez valha a pena esclarecer alguns equívocos mais comuns que sempre surgem a propósito deste facto incontestável:

Desde logo, a ideia de que o «modelo urbanístico» da cidade tradicional europeia é nostalgia e por isso é uma coisa reprovável. Efetivamente, ainda não fomos capazes de sair deste espartilho de um «avanguardismo obrigatório» no domínio do planeamento urbano, da arquitetura, da produção artística e da cultura, em geral. Sophia de Mello Breyner Andresen referia-se a este aspeto como um “academismo «avantgarde»” explicando que “o escritor atual, como o pintor” (e eu acrescento: o arquiteto, o urbanista), “tem que passar através de um tipo de obstáculos novos, que é conseguir, de fato, não ser uma vítima da moda, nem das teorias”.¹

Por isso, tudo o que não seja inteiramente novo, inventado, não é «avantgarde» e, portanto, não interessa. Despreza-se o valor da cópia (proibida), do modelo e premeia-se a inovação como fim em si mesmo e não como algo que possa contribuir para melhorar o que já existe.

Ora, o olhar para o passado, para os modelos que funcionam, não é necessariamente mau, pelo contrário, é bastante salutar, se o fizermos com sentido crítico e soubermos reter aquilo que é verdadeiramente bom, que funciona, que é adequado e rejeitarmos o que já se não adequa ou que sempre funcionou pior. E aqui há também lugar para a inovação, para a evolução, para a criatividade, melhorando o modelo, sempre.

Este é, quanto a mim, o verdadeiro e único sentido do termo “Tradição”, aplicado ao planeamento urbano, como a muitos outros aspetos da vida.

Fernando Távora – o saudoso Mestre – dizia-nos já em 1962, que “haverá que procurar-se o essencial desse passado que recordamos com saudade e tal essencial chama-se unidade, coesão, equilíbrio, integração”.²

Esclarecido este primeiro equívoco, podemos olhar sem preconceitos para o modelo da CIDADE TRADICIONAL EUROPEIA procurando reter tudo o que possa contribuir para resolver problemas dos mega-aglomerados em que hoje vivemos, a que erradamente chamamos cidades e que são consequência dos experimentalismos atrás mencionados e de uma visão da Humanidade e do seu habitat segundo uma lente exclusivamente industrial ou «maquinista» – a “máquina de habitar”. Como nos dizia L. Mumford “O planeamento rígido (...) que suspende arbitrariamente o processo histórico, só viria a ser aplicado quando a uniformidade foi encarada mais alto que a universalidade, e a potência material acima dos valores espirituais da existência”.

1 Sophia de Mello Breyner fala a Eduardo Prado Coelho; In ICALP – revista, nº. 6, agosto/dezembro 1986, pp 60-77; Citação incluída no Catálogo da Exposição «Sophia de Mello Breyner Andresen – uma vida de poeta»; Biblioteca Nacional de Portugal, 26.Jan.2011 – 30.Abril.2011, ed. Caminho, dezembro.

2 Fernando Távora – “Da organização do Espaço”, FAUP, publicações; 1ª. edição (do autor) – 1962.

Podemos assim intervir nas áreas centrais consolidadas, bem como nas zonas periféricas e projetar novos bairros, aldeias, vilas e até cidades, com uma abordagem alicerçada em valores sólidos, que caracterizam a Cidade Tradicional,³ tais como: a rua, a praça, o quarteirão, o bairro, o espaço público qualificado e convivial, a par de arquiteturas diversificadas – que vão desde a conservação e restauro ou reconstrução de edifícios significativos até aos «avantguardismos», passando pela reabilitação, pela renovação e pela produção de arquitetura doméstica, mais modesta mas igualmente necessária no todo urbano que forma as verdadeiras COMUNIDADES.

Efetivamente é de COMUNIDADE(s) que falamos quando tratamos de CIDADE(s). Aristóteles dizia que “os Homens juntam-se para viver em cidade e aí permanecerem para viverem uma vida melhor”.

01 - FOTO DE COMUNIDADE

(Legenda) Praça do Giraldo, Évora – Local de reunião da comunidade

E é desta CIDADE que hoje carecemos, nas áreas periféricas monofuncionais e deprimentes, como nos centros históricos vazios, envelhecidos e inseguros. Carecemos da cidade onde as pessoas se conhecem, e convivem (se quiserem), onde têm liberdade de escolha – que é a essência da DEMOCRACIA – e possam participar nessa escolha. Não creio que alguma vez o Homem possa dispensar este fator na sua vida, mesmo considerando os espantosos avanços da técnica, incluindo os das comunicações, que poderiam vir a originar, segundo alguns a «METAPOLIS» – que seria uma contradição ou a negação da cidade, na medida em que nesta não existiria comunidade.

Para além de todos estes aspetos, de ordem básica ou essencial, junta-se hoje um conjunto de outros, de natureza económica, aspetos estes que não são menos importantes mas que são relativamente recentes no contexto da história da Humanidade e hoje particularmente essenciais, tendo em conta a situação a que chegamos – que é de crise profunda e que exige mudanças drásticas e novos paradigmas.

02 - FOTO DA “CRISE”

(Legenda) Periferia de Londres

3 Paola SASSI, no seu ensaio “Strategies for Sustainable Architecture” – ed. Taylor & Francis, 2006, resume as características, destas cidades, do seguinte modo:

Characteristics of sustainable cities

- compact living
- mixed land uses
- public transport-oriented designs
- pedestrian-friendly streets
- well-defined public spaces
- integration of nature in developments
- developments based on walking and cycling distances (Lock 2000)

High density developments

- efficient use of land
- protection of the natural landscape
- access to culture and leisure facilities
- access to commercial facilities
- employment opportunities
- access to transport
- potential for district heating
- efficient recycling

Os «gurus» das ciências económicas são unânimes em reconhecer a importância das cidades no contexto da economia global que hoje vivemos. E se tivermos em consideração as previsões para que todos apontam de crescimento demográfico significativo e da concentração massiva das populações nas cidades, no próximo futuro, não podemos deixar de eleger este tema como um dos primordiais no contexto da nossa civilização e da existência enquanto espécie, tendo em conta, para mais, que os recursos do Planeta não são inesgotáveis.

Segundo o igualmente saudoso Ernâni Rodrigues Lopes, “A cidade é um fenómeno total, onde se condensam o económico e o social, o político e o cultural, o técnico e o imaginário (...). É o território estratégico da inovação, da criatividade. É o habitat da excelência da Humanidade, território centrado no conhecimento, aprendizagem e difusão”.⁴

Temos portanto que, por um lado, as nossas cidades têm que ser competitivas, atrair empresas e negócios, e gerar riqueza e, por outro, respeitar o equilíbrio ambiental e os valores culturais / identitários. E aqui gera-se um outro equívoco, que é o de pensar-se que uma coisa é incompatível com a outra, quando é precisamente o contrário que se verifica. Com efeito, as cidades que preservam a sua identidade histórica / cultural, que «crescem» de forma harmoniosa – gerando novos bairros auto-suficientes, com usos diversificados e comunidades vivas e culturalmente ativas – são as cidades que mais atraem investimentos e que geram riqueza.

Poderíamos citar muitos exemplos, mas basta pensarmos um pouco nas nossas próprias experiências para reconhecermos esta realidade.

03 A e B - FOTOS DE CIDADES BOAS

(Legenda) Siena em Itália e Richmond (Yorkshire) na Inglaterra

Ainda no domínio da economia (e convém referir que estas matérias dificilmente se podem analisar separadamente), sobressai um outro aspeto essencial que é o da energia e das infraestruturas. De fato, o modelo da CIDADE TRADICIONAL EUROPEIA é igualmente aqui tido como novo paradigma, por forma a reduzir drasticamente os custos nestas matérias. Com efeito, a cidade densa, compacta, que permite e valoriza deslocações a pé e com uso mais equilibrado dos recursos energéticos e das infraestruturas (de transportes, principalmente) é hoje parte significativa da solução para o problema de escassez dos recursos e da necessidade URGENTE de mudança nestes domínios, a par da produção e reabilitação de edifícios energeticamente menos dependentes de sistemas mecânicos / artificiais e mais baseados em soluções passivas, ambientalmente adequadas e quase sempre presentes na arquitectura tradicional – erudita e vernacular – de cada região.

4 LOPES, Ernâni Rodrigues (coord.): “O papel das Cidades no Desenvolvimento de Portugal” – série “Portugal Desafios nos Alvores do Séc. XXI, Edição do jornal Sol, 1ª. Ed. – dezembro 2009.

Se na Europa e nos E.U.A. nos apercebemos já da urgência desta mudança de paradigma e, uns mais e outros ainda pouco, todos caminhamos para um modelo mais sustentável, o mesmo se não passa noutros locais do Planeta – como a China ou a Coreia do Sul, p. ex. – países cujas principais cidades não estão a conseguir dar resposta à transformação brutal que estão a vivenciar em matéria de demografia e crescimento.

Sobrevoar Seul ou Xangai, hoje, é para nós, europeus (pelo menos para mim), uma visão do inferno. Isto, apesar da organização, disciplina e aparente «ordem» que se vive nestes locais.

04 - FOTO DE SEÚL

(Legenda) Periferia de Seúl – Coreia do Sul

Eu não tenho dúvidas (e parece-me que isto não é consequência da minha visão de ocidental, de europeu, mas sim da minha condição humana) sobre qual o modelo que prefiro para mim próprio e para os meus semelhantes, pensando para além da realidade atual, na nossa qualidade de vida e até na preservação da espécie e do Planeta.

O crescimento baseado apenas na acumulação de riqueza e uma ideia de «progresso» comprovadamente errada está a gerar impactos extraordinariamente negativos no ambiente, com efeitos de consequências inimagináveis nestes, como noutros lugares do mundo em profunda transformação. Se por um lado temos que reconhecer o direito a uma vida melhor para estes povos e os legítimos desejos de «progresso», não é menos verdade que os efeitos perniciosos deste fenómeno global atingiram já uma dimensão insustentável. Como nos diz Adriano Moreira, “o globalismo aconteceu sem projeto de governação conhecido, nem diretório identificável, um efeito colateral de avanços sem precedente da ciência e da técnica, e da utilização desses avanços por um sistema financeiro sem valores de referência”.⁵ E este é um outro equívoco que URGE desfazer.

Um dado significativo, e até um pouco paradoxal – se medirmos as coisas com uma escala da história recente –, é a mudança de paradigma que ocorre hoje nos E.U.A. nestes domínios.

05 - IMAGEM DO TRANSECT

(Legenda) O “Transect”

O movimento designado «New Urbanism» gerou modelos teóricos (Transect e outros) e práticos, baseados na CIDADE TRADICIONAL EUROPEIA – e as mudanças estão a ocorrer com uma velocidade surpreendente. Até empresas como a Walmart, p. ex., que ainda há pouco tempo mantinha um planeamento baseado no modelo do «american dream», da «periferia – jardim» e da dependência TOTAL do automóvel como meio de transporte, essencial à sobrevivência nestes lugares (modelo este que no nosso país continuamos irresponsavelmente a alimentar), estão a converter os seus “Mall” – «shopping centers» e «Office centers» – transformando-os, adicionando-lhes outros usos, incluindo habitação. E

5 Adriano Moreira, DN de 25/01/2011

não se pense (outro equívoco) que é tudo «obra de pastelaria» ou «pastiche», não, há de tudo – bom, mau e assim-assim –, para todos os gostos. O «New Urbanism» não é um estilo. No nosso país, os problemas não são muito diferentes: Os principais centros urbanos continuam a crescer mal, gerando periferias desqualificadas e esvaziando as zonas centrais, e as cidades mais pequenas perdem população e empobrecem.

06 - IMAGEM DE NEW URBANISM

(Legenda) O "New Urbanism" – Seaside, Florida - EUA

Fala-se muito de «REABILITAÇÃO URBANA» mas, na prática, está quase tudo por fazer. É um domínio para o qual concorrem muitas disciplinas, não só a arquitetura e o urbanismo, mas também, a história e a geografia, o direito, a economia e gestão, o ambiente, a formação e tantas outras. Em tempos tão problemáticos como os que vivemos hoje, a REABILITAÇÃO URBANA constituiria um investimento seguro, com retorno substancial e rápido, para o nosso tecido produtivo – de pequenas e médias empresas –, para as populações, que ganhariam extraordinariamente em qualidade de vida, para o ambiente e para a economia, assegurando níveis de consumo energético e de infraestruturas bastante mais sustentáveis.

É preciso mudar, é URGENTE mudar, temos que readquirir o direito a escolher o local onde queremos viver e redescobrir a qualidade de vida da CIDADE TRADICIONAL, e essa mudança começa por nós.

07 - IMAGEM DE PROJECTO DA AGOLADA

(Legenda) Projecto Turístico de JB&AA com a WATG para a região do Ribatejo

Lisboa, Abril de 2011

José Baganha,
Arquiteto,
Professor Convidado na Universidade Católica Portuguesa